

Livros

Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento

De: Vânia Lúcia Quintão Carneiro
São Paulo: Annablume, 1999. 226 p.

Duas “lógicas” diferentes presidem o funcionamento da Educação e da TV. Objetivos, procedimentos, estruturas, institucionalização, a própria história - da escola e da televisão - são tão diversos que a expectativa é a do desencontro.

Por outro lado, os desafios impostos à educação, pela sociedade mediática crescentemente complexa, pela mundialização, pelos novos problemas e necessidades do século XX (e logo do XXI), pelos velhos problemas de aprendizagem ainda não satisfatoriamente resolvidos - tudo isso desde cedo colocou, entre as muitas questões que um educador deve enfrentar, a de obter interações entre a TV e os objetivos sociais de desenvolver aprendizagem.

No Brasil, pelo menos desde os anos 60 a questão se pôs, com suas esperanças, desafios, experiências e inconclusões. Pois, por muito que se tenha feito e faça, é forçoso reconhecer: *não sabemos fazer TV educativa*. Não com a acuidade e experiência com que sabemos “fazer a escola”, dar aulas, escrever livros didáticos. E assinalando que mesmo nestes campos já sabidos, muito ainda é arte, experimentação, ensaio-e-erro.

Não sabemos fazer TV educativa em muitos níveis: programas de ensino, peças educativas, organização da aprendizagem, “gêneros educacionais”, processos pelos quais as pessoas aprendem (e se aprendem) com TV, significado social de um aprender que não seja essencialmente livro e escola, possibilidades de interatividade do aprendiz com a mídia, espaços de trabalho com a racionalidade, interações entre o racional e o afetivo no uso da mídia, questões práticas referentes a uma organização interagente entre empresas tão diversas como “escola” e “televisão”, resultados psicológicos, práticos, sociais, profissionais, possibilidades teóricas de um tal aprender - a lista de não-saberes é vasta, se não infinda.

Em mais de trinta anos, os resultados obtidos são poucos - e certamente inferiores ao deslumbramento inicial previsto pelos mais entusiastas. Seria até o caso de desanimar - se não fosse já possível examinar com realismo o que se

tem longa e diversamente tentado, no Brasil como em outros países, para enfrentar o desafio e trabalhar o problema.

É só a pressa que faz trinta anos parecer muito tempo. A questão na verdade está apenas começando - e já agora sem deslumbres, sabendo que não há nem haverá fórmulas mágicas. E aí se percebe que muita experiência tem sido feita. A cada momento sabe-se um pouco mais que na véspera. O que é próprio de um processo em desenvolvimento é sua forte dependência do ensaio-e-erro. Erre-se mais do que se acerte, seja-se freqüentemente ingênuo: desde que se aprenda com o erro e esteja-se disposto a corrigir a ingenuidade.

Para que isso aconteça, o fundamental é não deixar passar em branco as tentativas. Examiná-las em seu funcionamento, tirar delas a lição que ofereçam. O que funciona bem pode até ser resultado mais de arte (intransferível) de seus autores que de planejamento certo - mas é importante saber que ali, naquela circunstância, tais e tais agenciamentos entre os componentes do par ainda díspar, televisão/educação, mais ou menos resultaram em algo aceitável e positivo.

É esse esforço de observação que Vânia Carneiro dedica a uma experiência especial de TV educativa. Junto com o programa de TV, que propõe uma abordagem específica do "fazer educação", o trabalho de analisar, de refletir sobre seu funcionamento, faz avançar o conhecimento sobre o problema.

Depois de uma reflexão geral sobre o "entretenimento" como base principal da penetração televisual - e sobre os problemas de fazer interagir entretenimento e aprendizagem - o livro estuda alguns ensaios feitos com este objetivo em programas precursores do Castelo Rá-Tim-Bum. Chega então a este programa, que é esquadrinhado em suas estruturas narrativas e pedagógicas. Para complementar o estudo do objeto, faz uma observação qualitativa sobre sua recepção - na pessoa de um garoto especialmente envolvido. Um apenas - mas através do qual o olhar se diversifica, criando profundidade para superar o que poderia ser visão subjetiva da autora, em sua preocupação com o ensinar. Temos, assim, também o aprender.

Fica evidente que um dos veios promissores para o desenvolvimento da aprendizagem através da televisão, desde que elaborado com criatividade e competência, pode ser a interação do compromisso educativo com a narratividade, com o conflito e as emoções. E a contribuição que este livro traz para a questão. O programa de TV analisado inventa, cria, vai atrás da aprendizagem que pretende. O livro elabora as lições que daí podem ser tiradas.

Apresentação de José Luiz Braga,
Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, RS.